

novela estúpida

por ARMANDO MARTINS

Gostamos muito um do outro eu e a Dódó. Desde os começos do nosso namoro, um namoro grave, burocrático com horas marcadas, costumes de família e assuntos certos repetidíssimos de conversa, nunca tivemos o mais ligeiro arrufo.

A minha profissão é ser caixeiro de mercearia, a da Dódó ser órfã dum alferes músico.

Dentro da modéstia dos nossos passeios a pé, das nossas conversas insulsas e chatas, somos dois seres felizes.

Eu estou convencido, como estiveram convencidos todos os numerosos namoros da Dódó, e ela jura-me por alma do pai, como jurou a todos os numerosos precedentes meus, que nunca gostou de mais ninguém a não ser de mim, que os seus lábios, de bocas másculas, conhecem apenas o sabor da minha.

Sim, a Dódó dedicou-se-me profundamente. Mas a verdade é que ela tem 27 anos e precisa irremediavelmente de casar. O casamento é a colocação para ela e a reforma para a mãe que tem a outra filha, mais velha, quasi passada a um actor dramático.

A mãe da Dódó, coitadita, tão boa senhora!

Quando à noite vamos passear, nós dois atrás muito juntinhos de mãos entremeadas, a unirmos os rostos com segredos quentinhos e beijos sobressaltados (agora não, vênos o policial!), ela à frente imperturbável, tão discreta que nunca se volta para trás, até me dá pena do sacrificio das suas pernas já trôpegas, da sua dedicação imensa para conseguirl passar-me a filha.

Quando me fala dela, os seus olhos profundos e mortos, iluminam-se, toda ela se banha numa alegria decadente, onde leio a tristeza tapada, a angústia numa indecisão, numa dor tão ridícula e tão fundamentalmente humana que sinto desejos de acariciá-la e dizer-lhe: não se aflija, dêste apêrto tiro-a eu.

Foi essa a minha primeira noite de amor com a Dódó.

Tínhamos vindo da igreja, onde estávamos sós num canto socegado. Acompanhou-nos o sobrinho e a tia da Dódó: uma magrizona espevitada a dar sentenças com cara de bispo e um garoto de 5 anos raquitico e maloreadamente atrevido. Também iam a irmã da Dódó, forte de peitos abundantes, e o namôro.

Ao subirmos a escada escura a mãe mandou-nos à frente com uma austeridade

policial guardadora dos bons costumes.

A sua cara carrancuda fez-me tremer das minhas culpas. Eu já ia indisposto, revoltado com a injustiça, demais sentindo o outro par ainda no andar inferior a cochichar risadinhas miudas.

Quando chegámos ao sétimo andar os olhos da pobre senhora procuravam os meus para dizerem na sua tristeza conformada—perdõe, mas teve que ser, é preciso às vezes guardar certas aparências, perdõe...

Na sala de visitas, duma pelintrice pretenciosa com móveis derreados, desenhos horríveis em papel barato a tapar manchas amarelas nas paredes, um piano manco com uma antiga barriga desmesurada a encher o canto do fundo, e muitos bonecos, muitos objectos miudos, muitos postais ilustrados, muitas fotografias, muitos solitários com flores velhas de papel sujo, cada um tomou seu lugar.

Eu estava atrapalhado a princípio.

Quería sentar-me naquele sofá amarelo junto da Dódó, mas parecia-me arrojado; e para esconder a confusão fiz ruidosa festa ao retrato da Dódó encostado sobre o plano manco. E ia tomando tempo a pensar se me sentaria no sofá. Não era abusar, ali diante de tanta gente...

Quando me ia lá sentar a mãe da Dódó com a cara carrancuda das escadas levantou-se:—Miguel, tem aqui uma cadeira.

Senti-me córar. O par do fundo, no seu petulante à-vontade, confundia as pernas e ria com os rostos juntos dos meus gestos atrapalhados. Miguel! Enervou-me aquela confiança humilhante, ela que sempre me chamara *senhor Miguel!*

Fiquei em frente da Dódó e da tia.

Só depois de me sentar lembrei que levava os sapatos e o fato velhos. E se as calças estavam rotas? eu sabia lá! e cruzei as pernas sumindo-me encolhido na cadeira. Aquela preocupação não me deixava, inspecionava com olhares roubados à conversa o estado das minhas calças. A Dódó com uma encantadora amabilidade quis que despiße o sobretudo, estava molhado. A minha teimosia agressiva em não tirar o sobretudo não sei se a fez desconfiar que eu tinha os cotovelos do casaco rotos. Encobri-me mais com êle e com a cadeira.

A conversa começou a falhar. Longos buracos de silêncio incômodos. Todos sentíamos a obrigação de falar; fa-

lou-se de tudo, do socêgo da rua, de criadas, que eram umas porcas, dizia a mãe da Dódó que não podia suportá-las, da conveniência de morar num sétimo andar, com ares puros e belas vistas, e as escadas demais não custam a subir; (um sétimo andar, fui eu que acrescentei, nem é muito alto), de artistas de cinema (a mãe da Dódó não gostava delas, eram umas porcas, pronunciava porcas com nojo), e de revisores dos electricos, uns malcriadões.

Depois o assunto acabou, um ou outro comentário tardio, breve, como os foguetes isolados no fim da girândola nos arralais.

A tia da Dódó que abria a boca duas vezes para dizer ao garoto que estivesse quieto, olhava distraída para qualquer coisa de mim.

Para as minhas mãos! E eu que já havia 5 dias que andava para cortar as unhas!

Era uma vergonha apresentar-me com aquelas unhas compridas de rebordos pretos diante de gente. Fiquei de novo envergonhado, nervoso de confusão a tapar as unhas, os sapatos, as calças de que já me tinha esquecido.

E se já me tivessem visto as calças rotas? Que vergonha! Com a atrapalhadação fiz cair da mesa ao lado um objecto do qual não distingui a utilidade, sobre a cabeça do sobrinho da Dódó que deitado no chão deixou de fazer contas com os olhos no teto, para desatar num berreiro furioso.

Todos fizemos festas ao pequeno despoita que sentia um prazer velhaco em torturar-nos os ouvidos.

Só o par lá ao fundo continuava as risadinhas miudas, indiferente, cada vez mais colado.

Eu acariciei o menino Tulinho (chamava-se Túlio), respondendo com o mais considerado respeito ao *tu* descarado que êle me atirava insultuosamente.

Foi uma sorte o Tulinho chorar, todos lhe pediam que cantasse, que cantava muito bem.

Eu ia beijá-lo na testa, pedir-lhe que cantasse baixinho, só para nós dois. O Tulinho não gostou da intimidade e deu-me uma bofetada bem puxada. Achei extraordinária graça ao estúpido e ofereci-lhe imbecilmente a cara—bata, vá, bata mais.

O par do fundo ria mais alto acusando a figura grotesca que eu fazia.

Odiei aquele marmanhão de sobretudo azul porque era senhor de si, tinha direitos de comodidade naquela casa, ninguém interrompia os seus

murmúrios atrevidos, ninguém lhe dava bofetadas, porque tinha chegado antes e escolhido aquela rapariga forte, de seios abundantes, como eu gosto, que se chegava a êle como uma gata, porque deixou para mim a delambida da Dódó que olhando bem era afinal um estafermo.

Como viu que a bofetada caiu mal no ambiente, o miúdo quis compensar com a cantiga que lhe pediam. Todos o gabavam, todas lhe diziam segredinhos ao ouvido, eu fiz-lhe uma manifestação acalorada como se o não visse há 50 anos, e o Tulinho esgotou o seu repertório de canções chatas, cantadas num mesmo tom.

Prolongou-se o mais que se pôde o côro de elogios, de carícias, que faziam tomar ao bebé uma importância desdenhosa e senhorial.

Sobre o assunto Tulinho não havia mais a dizer. De novo, silêncio.

Eu dava voltas aos miolos; a Dódó atirava-me olhares ansiosos (tinha-me por muito inteligente), suplicando-me que inventasse nova conversa. Nada. O tempo, a rua, o sétimo andar... já se tinha falado nisso tudo.

Continuava como dentro duma fôrma, imóvel, em posição forçada para esconder as unhas, os sapatos e as calças.

Lá do fundo o marmanhão de sobretudo azul atirou à Dódó—porque não tocas um bocadinho? Era uma ideia formidável, genial, reconheci-o, mas fiquei calado porque não fui eu que me lembrei e porque o outro tratava a Dódó por tu, o que eu ainda não tinha conseguido,—sim, e eu é que era o seu dono.

A mãe, a tia da Dódó pediam-lhe que tocasse, e eu apesar de despeitado seguí-as acrescentando que tinha muito gosto em ouvi-la. (Embora hoje me pareça impossível, era verdade, eu tinha gosto em ouvir a Dódó.)

Esta, nervosa, atrapalhada abriu o plano a dizer que não, que não sabia nada. O que queríamos?

—Qualquer coisa, o que ela quisesse.

E ela voltava—que pedissemos nós, que não sabia que tocar.

A cena demorava. O calor com que eu pedira que tocasse, arrefeceu, insistia apenas por delicadeza.

A Dódó continuava a perguntar o que queríamos.

—Qualquer coisa, qualquer coisa servia.

A mãe da Dódó com os olhos papudos inchados levantou-se

(Continua na página imediata)